

O estágio supervisionado e a formação de professores de história

Blasius Silvano Debald¹

Resumo:

O estudo acompanhou os acadêmicos do Curso de História nos últimos dois semestres, entre os anos de 2004 a 2006. Neste período, 83 acadêmicos passaram pelo exercício da docência no Ensino Fundamental – Séries Finais e Ensino Médio. A finalidade foi o de acompanhar o acadêmico no campo de estágio e verificar a forma como relaciona, no exercício da docência, a teoria e a prática recebida durante o período de formação. O relato das experiências faz parte desta pesquisa, além de diagnosticar a formação recebida durante o processo de formação inicial. Os dados foram coletados através de entrevistas com questões temáticas que consideravam a realidade do campo de estágio. As entrevistas revelaram que o curso de História não abordava questões relacionadas ao planejamento da carreira docente, como também não aprofundava questões relacionadas ao cotidiano escolar – violência, drogas e material didático de apoio.

Palavras-chave: Estágio – História – Formação.

Abstract:

This study and reaserch accompanied history course's academics on two last semesters, between 2004 and 200 years. In this period, 93 academics made the teaching exercise on schools. The porpuse of this reaserch was accompanied the academic on stage camp and check how the academic interrelate with the conformation, on the teaching exercise, the theory and the practice learned during formation period. The briefing of experiments including in this reaserch, above diagnostic the formation received during in the inicial process formation. The datails was collected on interwies with thematic questions wich accounted the reality camp of stage. The interwies revealed wich the history course don't approach the planning career , including to the quotidian scholar questions – violence, drugs and didactic stuff.

Keywords: Stage – History – Formation.

Introdução

“O Estágio Supervisionado é uma atividade em que o aluno revela sua criatividade, independência e caráter, proporcionando-lhe oportunidade para perceber se a escolha da profissão para a qual se destina corresponde a sua verdadeira aptidão.”
(BIANCHI, ALVARENGA e BIANCHI, 2005:1)

O Estágio Curricular Supervisionado nos cursos de licenciatura é, para muitos acadêmicos, um verdadeiro *paredão*, gerando angústia e apreensão, pois o *público* que avaliará o seu desempenho na profissão é exigente e, muitas vezes não muito tolerante.

¹* Mestre na Área Sócio-Cultural – UNISC/RS e Professor do Curso de História da Faculdade União das Américas – UNIAMÉRICA/PR.

Contribui para o quadro preocupante, a formação conteudista, sem a vivência prática da profissão. E prático é entendido não como um rol de receitas, mas a reflexão sobre ações que podem contribuir para o processo de ensinar.

Desta forma, se investigou quais eram os principais problemas no processo de formação acadêmica e a forma como foram trabalhadas as atividades práticas, uma vez que a educação brasileira tem um forte traço transmissivo. Assim, o acadêmico vive um dilema no limiar de sua formação inicial, pois o ensino da universidade não se aproxima da realidade concreta do campo de estágio e como consequência, seus primeiros anos de profissão são confusos e sem muitas realizações.

A queixa dos professores, formados no curso de História da Faculdade União das Américas, fez com que o Colegiado refletisse e repensasse a disciplina de Estágio Supervisionado e as Práticas de Ensino. E uma das primeiras medidas foi introduzir, nas discussões de sala de aula, temáticas como o planejamento da carreira docente, a agressividade escolar e a realidade do ensino de História na escola pública.

O trabalho de acompanhamento dos professores formados pelo Curso de História foi o ponto de partida deste estudo e resulta no repensar do papel do professor orientador de estágio. Sem uma orientação qualificada, presente e planejada, fica difícil dar segurança e confiança para o aluno durante o estágio prático no campo de estágio.

1. Estágio Supervisionado no Curso de História

“(…) o incentivo aos estudantes para que realizem um trabalho em profundidade deve ser constante, a fim de que possam colher os frutos resultantes de sua ação. O apoio dos professores, em todos os passos do estágio, é de vital importância.”
(BIANCHI et al., 2003: 8).

O Curso de História da Faculdade União das Américas foi autorizado em 2001. O processo de reconhecimento ocorreu no segundo semestre de 2004 e a publicação da portaria em meados de 2005. A primeira colação de grau do Curso de História foi em fins de 2005. É, portanto, um curso jovem, sem muita tradição acadêmica, mas que se solidifica a cada ano, pois se insere no contexto regional, carente de profissionais formados em História. Concluíram o curso, mais de sessenta alunos e em meados deste ano, mais de trinta concluirão a sua formação acadêmica.

Atualmente, os profissionais que atuam no ensino de História da rede estadual de Foz do Iguaçu, mas de 70% são formados em outras áreas – Turismo, Direito, Sociologia,

Filosofia... Para suprir a falta de historiadores-educadores, foi criado o Curso de História que conta com trabalhos relevantes na área de ensino, como na de pesquisa. E a trajetória destes jovens professores que foi o objeto deste estudo, pois na universidade receberam:

Informações sobre as teorias pedagógicas, sobre a relação professor-aluno, técnicas, objetivos e tantas outras coisas relativas a uma instituição escolar e sobre seu papel. No entanto, ao deparar com a realidade, encontra-se sozinho. Já não se trata de abstrair teorias, mas de aplicá-las. Porém, nem sempre o acadêmico está preparado (BIANCHI, ALVARENGA E BIANCHI, 2005:11).

De fato, quando os professores de História foram questionados sobre a preparação que tiveram para o exercício profissional, 78% dos entrevistados responderam, sob forma de queixa, a falta de uma vivência prática da docência. Esse é um dos grandes desafios dos cursos de formação de professores. Para Nòvoa, o momento mais decisivo na vida e na carreira profissional de um professor é a chamada fase de transição entre a formação inicial e a profissão. O que contribui de forma negativa para a profissionalidade é colocar os jovens professores nas piores escolas, com as piores turmas, com os piores horários, com os cursos mais problemáticos e mais difíceis, sem lhes dar qualquer apoio. Os colegas mais experientes não têm qualquer missão na formação e enquadramento desses professores. As universidades, muitas vezes, se livram desta tarefa, mas nas entidades públicas é muito difícil fugir deste contexto. Comete-se um pecado capital com a profissão dos professores mais jovens, pois são obrigados a sobreviver e viver numa fase da autêntica sobrevivência nos primeiros anos de exercício profissional (NÓVOA, 2006:6).

A falta de um acompanhamento mais sistematizado dos professores jovens resultou na formação de uma Associação dos Ex-Alunos da Faculdade União das Américas, e os docentes do Curso de História pensaram em algumas estratégias como: convidar os jovens professores para que relatem suas experiências, dificuldades iniciais da carreira; participação em cursos, jornadas e eventos de formação continuada; abertura do Laboratório Pedagógico das Licenciaturas para ter acesso às metodologias inovadoras e a participação em grupos de estudos para refletir sobre a sua profissionalidade.

Além disso, se está pensando em um fórum permanente de discussão, no qual os professores parceiros participarão com suas experiências e vivências para aperfeiçoar a prática do estágio². Quer-se participar do planejamento anual dos professores da rede estadual, prevendo períodos e quantidade de estagiários que cada um pode acompanhar durante o ano para ser de fato um espaço de formação.

² A implantação da Proposta será no II Semestre de 2007.

A partir da compreensão de como os jovens professores se comportam no exercício da docência é que se têm elementos para repensar, aperfeiçoar a prática curricular e do estágio supervisionado. E isso significa “verificar as influências do currículo escrito sobre o currículo praticado pelo professor só é possível se entrarmos nas ‘caixas-pretas’, as salas de aula, ou se realizarmos medições ao final do processo” (ROCHA, 2002:63).

O retorno à universidade dos jovens professores é um desafio que o curso de História enfrenta, uma vez que há um distanciamento entre o período da formação inicial e a continuada. Parece um excesso de auto-confiança por parte dos jovens professores, ou até uma forma de trilhar seu caminho profissional de forma independente, longe dos olhares dos professores que tiveram durante o curso de graduação. A falta de partilha das experiências distancia o curso da realidade escolar.

Outra questão fundamental é promover encontros para apresentar a proposta de estágio e do Curso de História aos professores da rede para que tenha uma visão de todo o processo. Em contrapartida, a Instituição oferecerá cursos de formação continuada aos professores, a partir de temáticas e sugestões do grupo. O que se quer é um trabalho mais comprometido, mais integrado e que reflita sobre a formação e o ensino de História.

Desta forma, entende-se que a vivência prática do estágio supervisionado é um componente da fase de formação. Compreende-se por estágio curricular, as atividades que os alunos realizam durante o curso de formação, junto ao campo futuro de trabalho – ensino fundamental e médio (PIMENTA, 2006:21).

Quando os jovens professores foram questionados sobre o que é ser um bom professor, hesitaram em responder, pois a experiência pessoal dos primeiros anos da profissionalidade não foi muito prazerosa. Para 64% dos entrevistados, as características de um ‘bom professor’ são: gostar de ensinar, ter domínio do conteúdo e gostar de estudar.

Percebe-se nas respostas dos jovens professores que há um esforço para fazer o melhor possível, apesar das limitações técnicas impostas pelas escolas. A falta de recursos, a baixa remuneração e a violência escolar são indicadores de desmotivação para os primeiros anos da profissão. Assim, “estudar o cotidiano do professor é um meio para a compreensão dos fenômenos sociais que o cercam e, com esta compreensão, entender o próprio professor neste contexto” (CUNHA, 2001:157).

Nas entrevistas é possível identificar algumas tendências interessantes como a de que os processos de formação dos professores não se constroem apenas durante o período de graduação ou em períodos da vida. Apesar de serem jovens na profissão, têm claro da necessidade de refletir sobre sua profissionalidade e, de modo especial, o processo de ensinar.

Neste sentido, o pensamento dos jovens professores é reforçado pela afirmação de que a “formação se constrói através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal” (NÓVOA, 1991:70). Ainda conforme o educador português, “estar em formação implica um investimento pessoal, livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade pessoal, que é também uma identidade profissional”.

Assim, os professores do Curso de História têm muito que aprender com os professores da redá, pois um dos aspectos que marcou os primeiros três anos do curso foi o alto índice de rotatividade do quadro docente. Talvez este possa ser um dos motivos da falta de uma reflexão mais aprofundada sobre a prática de ensino e o estágio supervisionado no Curso de História.

2. Organização das Práticas de Ensino e dos Estágios Supervisionado

*“... aconselhar é menos responder a uma pergunta
que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história
que está sendo narrada...
O conselho tecido na substância viva da existência
tem um nome: sabedoria”.*
(BENJAMIN, 1985:20)

O Curso de História da Faculdade União das Américas tem como proposta curricular, formar um historiador-educador, conhecedor da História Regional e que reflita sobre sua prática. O aluno pode inserir-se nos programas institucionais de pesquisa, além de participar dos projetos do curso, concentrados no Núcleo de Pesquisa e Memória³.

Apesar da matriz curricular de um curso de formação de professores, contempla disciplinas como: História e Museu, Patrimônio Histórico-Cultural, Arquivos e Fontes em História, História e Memória e Seminário de Estudos Regionais, atendendo demandas da sociedade regional que ainda não tem uma consciência de preservação dos aspectos histórico-patrimoniais e culturais.

Neste contexto, a partir do quarto semestre, o aluno inicia o seu processo de vivência prática da profissão, com as disciplinas de Prática de Ensino em História I e Estágio Supervisionado em História I, esta última de observação e reflexão. Enquanto que nas práticas o aluno reflete sobre as metodologias do ensino, o estágio de observação, tanto no Ensino

³ Iniciou suas atividades no I Semestre de 2007, tendo como eixos: História Oral, Fontes Jornalísticas e Iconográficas, Memória e Patrimônio.

Fundamental e Médio, serve para conhecer e diagnosticar a realidade, futuro campo de atuação profissional.

É neste momento que o aluno tem um contato mais próximo da vivência profissional. Isso não significa de que nos semestres anteriores o ensino seja dissociado da realidade escolar. Parafraseando Nòvoa, é neste momento em que o aluno se assume como produtor de sua profissão, mas “da mesma maneira que a formação não se pode dissociar da produção do saber, também não se pode alhear de uma intervenção no terreno profissional” (NÓVOA, 1992:28).

Entende-se que o Estágio Supervisionado e a Prática de Ensino fazem parte do desenvolvimento profissional docente, mas deve ser analisado, articulado com as escolas e seus projetos. É desta forma que se pode pensar ou associar mudanças no âmbito educacional, tendo reflexos na profissionalidade, na formação e que contribua de forma qualitativa para as transformações das práticas pedagógicas em sala de aula.

Conforme os professores formados pelo Curso de História, a falta desta articulação e aproximação entre escola-universidade, faz com que o ensino perca em praticidade e inserção social. E esta constatação é o desafio a ser transposto pelos professores do Curso de História a partir do II Semestre de 2007, com a implantação do Projeto Estágio Articulado com as Escolas – campo de estágio.

3. A profissionalidade dos professores jovens de História

“... pensar a prática não é somente pensar a ação pedagógica na sala de aula, nem mesmo a colaboração didática com os colegas. É ir além, pensando a profissão, a carreira, as relações de trabalho e poder, a autonomia e a responsabilidade e, fundamentalmente, a pessoa que intervém”.
(PERRENOUD, 1993:200)

Um estudo realizado pela Fonseca (1997) com professores que passaram pelas várias transformações no âmbito educacional e político brasileiro da última metade do século XX, constatou que estes profissionais têm uma visão clara sobre suas práticas pedagógicas. Esta, por sua vez, está intimamente ligada

“às concepções de História, de mundo, de educação, de escola que foram sendo construídas e cristalizadas ao longo de suas histórias, nos diferentes momentos e espaços. Isso pode ser claramente observado nas relações professor-aluno, nas formas de avaliação e metodologias de ensino” (FONSECA, 1997:211).

Observa-se que as realidades são bem distintas entre os professores jovens e os de final de carreira. Enquanto os últimos narram que os melhores momentos da carreira aparecem, para a maioria, “quando a estabilização é alcançada, os projetos são reconhecidos e os resultados do trabalho são valorizados” (FONSECA, 1997:208), os primeiros colocaram que poder atuar na área já é uma conquista.

Quando são questionados sobre os piores momentos deste o início de carreira, os professores jovens responderam que a falta de experiência – vivência prática, a carência de material didático e as condições de trabalho foram os maiores desafios. Já para os professores trabalhados pela Fonseca (1997), “os piores momentos são decorrentes de problemas próprios da profissão, das condições de trabalho, do contexto social, ou de problemas pessoais. Aparecem tanto no início, como nos momentos de crise, ou no final de carreira” (FONSECA, 1997:208). O modo como o professor jovem de História ensina, tem relação com o modo de ser de sua particularidade. “É o eu pessoal em face do eu profissional, do ser e do ensinar” (NÓVOA, 1992:16).

Os professores jovens de História, nas suas falas, consideram-se historiadores-educadores, pois se sentem comprometidos com o ensino. Apesar de serem jovens na profissão, têm clareza quanto à realidade da sua profissionalidade. Mesmo assim, acreditam que poderão fazer a diferença no ensino de História, passando de um modelo transmissivo para um de ensino e aprendizagem. Soma-se a vontade de continuar os seus estudos e refletir sobre sua atuação profissional.

Conclusão

“Por isso, todos nós gostamos de ser professore ensinar História...”

(FONSECA, 1997:219)

Refletir sobre a formação dos professores nos espaços universitários é uma prática recente, contudo se faz necessária para aperfeiçoar o processo das práticas docentes. E esta reflexão deve ser assumida por todos os professores, independentemente de sua concepção de História. É preciso articular o currículo à realidade dos alunos, dando novos significados ao estudo da História.

Apesar da trajetória recente do curso, o colegiado de História tem refletido sobre formas de aperfeiçoar a formação dos seus alunos para que sejam capazes, no exercício profissional, de cumprir a função primeira do historiador-educador: ensinar. Embora o

trabalho com os professores jovens seja desafiador, principalmente os formados pelo curso, este tende se fortalecer, pois assim, se terá condições de avaliar a praticidade e a aplicação das construções realizadas em sala de aula.

E esta aproximação ou (re)aproximação não mais será uma relação de professor-aluno, mas de colega-colega de profissão, podendo contribuir para tornar o curso mais presente, saindo dos muros da universidade para ganhar as praças, as ruas, os teatros, os cinemas, as vilas, os bairros e os locais onde estão os sujeitos construtores da História.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Obras Escolhidas. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BIANCHI, A. C. de M.; ALVARENGA, M.; BIANCHI, R. **Manual de orientação: estágio supervisionado**. 3. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2003.
- BIANCHI, A. C. de M.; ALVARENGA, M.; BIANCHI, R. **Orientação para estágio em licenciatura**. São Paulo: Thomson Learning, 2005.
- CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. 12. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2001.
- FONSECA, S. G. **Ser professor no Brasil: História oral de vida**. Campinas-SP: Papyrus, 1997.
- NÓVOA, A. Paradoxo, dilemas e desafios para a formação de professores. Conferência de Abertura. **I Congresso Internacional de Educação**. Foz do Iguaçu, out., 2006.
- _____. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- _____. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1991.
- PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação de professores: perspectivas sociológicas**. Tradução de Helena Faria *et al.* Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- ROCHA, U. **História, currículo e cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2002.